

N.º 29

Assgn. por mez 1:000 rs.



PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIACAO



VICTOR HUGO

Expediente

O MOLEQUE publica-se quatro vezes por mez.

Assignatura

Por mez....18000.—Póste franco.

Pagamento adiantado

Os autographos que nos fôrem remettidos sejam ou não publicados, não serão restituídos.

Publicações—o que se convencionar

Toda a correspondencia deve ser dirigida à *Redacção do Moleque*, á Rua da Constituição n.72—SANTA CATHARINA.

Desterro, 7 de Junho de 1885.

VICTOR HUGO

Ne dites pas mourir; dites vivre; croyez.

É o apophtegma glorioso do mestre, que synthetisa toda a valentia, toda a força superior do seu atilamento espirital.

Nunca morrem os homens de cerebro, aquelles que tem a penetração philosophica das grandes cousas, que sôbem, pela ideia, ás maiores alturas, de onde, se caem, é pela vertigem que lhes causa a luz, a zona infinita do ether.

Quem viveu como Victor Hugo, dentro destes tres preceitos grandiosissimos da mais sympathica e revolucionaria figura da Historia, o Christo, o philosopho supremo, esses preceitos racionaes da—Liberdade, Igualdade e Fraternidade—hade cahir humanizado na duvida sinistra do tumulo, mas hade entrar em existencia, em vigor intellectual pelos corações de todos os povos.

Pensar, educar e combater.

Elle o fez.

Ninguem mais franca e lealmente se colou ao lado dos pequenos da sombra, para ferir os miseraveis da luz, ninguem tanto abençoou os pequenos da luz para estigmatizar os miseraveis da sombra.

Victor Hugo foi mais do que um revolucionario, foi uma revolução.

A indomabilidade selvagem do seu organismo, os seus elementos de combate, a sua argucia prompta e assombrosa no desenvolvimento das evoluções moraes e sociaes, deram um curtho phantastico

na escalla extraordinaria dos seus assumptos verbalisados ou expostos em caracteres.

Esse operario do bem, esse bem do operario ou antes esse proprio bem que existiu pela sua animalidade quasi um seculo, concluiu as obras monumentaes de cem seculos.

Representou em oitenta e tres annos, uma porção de paixões, uma porção de lutas, um milhão de sentimentos.

Viveu a phase do homem e a phase do leão.

Bebeu inspirações maravilhosas, mergulhando a cabeça no infinito e trasendo-a ensopada em luz.

Vio quedas de reis e de estados, de usos, de costumes, atravessou os mares de todas as tempestades, vio morrer Gambetta, vio morrer Littré e Girardin, sentio as maiores vibrações e estremecimentos de triumpho, vio, em pé no throno de seus livros, aureolado pelo arco iris da sua palavra douda, nervosa, desesperada, passar [toda] a enorme impo-nencia que pode admittir o pensamento e o olhar: Vio Paris, fartamente alegre e alegremente farta de glorias, ajcelhar-se, beijar, victoriar n'um bombardeamento de bravos, como um bombardeamento de auroras, o santo de Jersey, canonisado pelos sóes das intellectualidades universaes.

Cruz e Souza.

VICTOR HUGO

Paris, a revolucionaria metropole intellectual moderna, branca de assombro, quedou-se fria á borda do Espanto!

Morreu-lhe o seu Christo, morreu Victor Hugo! O Deus feito homem!

Um *De profundis* solemne, indefinido alastrou-s harmoniosamente funebre, como uma voz phantastica, mysteriosa pela curvidade sombria do Espaço; e a humanidade, como que n'uma crystalisação assombrosa de admiração profunda, evoca a muda frialdade do tumulo!

E elle não responde!

Porque é justo, isso.

D'entre a multidão compacta dos que o levavam ao Pantheon, via-se a enormidade colossal, gigante, do cerebro de Emilio Zola, que, tomando as dragonas do commando supremo do másculo Regimento Evolutivo, segue a marcha eternamente inaccabavel da successão dos seculos.

Horacio de Carvalho.

VICTOR HUGO

Ha factos que parecem insusceptiveis de acontecer!

Desceu aos sombrios e lacerantes regelamentos da terra um colossal talento—o centro de luz, de caridade, que se esbatia por todo o mundo.

Morreu Victor Hugo!

Essa existencia quasi secular, sempre circumdada de discipulares ovações, foi esbarrar na treva.

Erã a vida que buscava o seu occaso!

Imobilisou-se uma enorme penna—a phantasista dos *Miseraveis*.

A corporificação do Bem cessou de sentir, e de traduzir os embates da vida popular contra o infortunio.

O Mestre foi subir a gloriosa escada, foi receber, á sua passagem, a curvatura de todas as raças.

A. Carvalho.

VICTOR HUGO

N'elle não resplandecia sómente o diadema do genio, resplandecia tambem a aureola da caridade.

N'elle, os povos reconheciam mais que as fulgurações d'um cerebro exuberante de talento—a dedicacão de Pae.

O seu olhar de piedade era uma redempção; o seu sorriso benéfico um raio de amor dulcissimo;—era um relampago que substitua a luz nas noites angustiosas e negras dos párias da sociedade!

A França enlutada, chora; todo o Universo sente essas lagrimas, partilha essa dor.

O ruido do caixão ao fechar-se sobre esse colosso que assombrou a humanidade com o seu talento de titão, que poupou a tantos thronos de se ennodarem em sangue, echoou em todo o orbe, fazendo embrutecer os cerebros mais robustos.

E enquanto os thronos soberanos se curvam, em linha com a democracia, á materia d'esse que foi apotheosado em vida, o seu espirito ála-se ás regiões da eterna Luz, para entronisar-se na Immortalidade,

R.

LITTERATURA

A ULTIMA VONTADE

*Quand je verrai la mort venir
Qu'on ouvre le coffret de rose,
Et sur ma lèvre à jamais clos:
Qu'on mette le cher souvenir.*

Raul amava-a doidamente, com esse amor que se devora aos vinte annos ou aos sessenta, e cujo desenlace dá a uns a dureza indomavel do bronze e a muitos a fragilidade quebradiça do vidro.

Elle tinha vinte annos, mas ella não o amava; estimava seo marido bastante para não o enganar, a não ser arrastada por uma grande paixão, e essa não existia.

A sua belleza loura fazia sonhar com as coisas ternas e ethereas; a sua pequenina pessoa, conjunto de sorrisos graciosos e de casta singeleza, recordava os pasteis de Latour que parecem esfumados por um beijo de amor.

Ella tinha pena do amor que lhe inspirára; mas ingenuamente cruel, deixava-lhe ver o seu tranquillo coração e fallava-lhe de amizade.

Afinal, como elle soffresse muito, quiz afastar-se e veio communicar-lhe a sua resolução, em um dia que ella almoçava só, em virtude do marido estar ausente.

Ella approvou, fortificou as suas boas intenções, mediante uma serie de phrases implacavelmente amigas, e perguntou-lhe quando é que elle tenciona a partir.

—Esta noite, esta mesma noite!

—Nesse caso não teei a sua companhia segunda feira, dia dos meus annos, em que todos aquelles que me estimam me trazem flôres.

—Bem sei, minha senhora, e desde já lhe supplico que acolha benigna o humilde presente que tenciono enviar-lhe segunda-feira á noite.

Elle partiu e ella seguiu-o com a vista, suspirando; era talvez a poesia da sua vida que levantava o vôo...

*

Chegou o dia solemne, a famosa segunda-feira, fertil de presentes e affestoadas de flores.

Amigos e admiradores vieram dançar e turbilhonar em torno do brilhante idolo, que distribuia apertos de mão a uns e beijava a outros, os parentes, com a sua imperturbavel graça tranquilla e doce.

Perto da meia noite, vieram annunciá-lhe que tinha chegado uma enorme caixa endereçada ao seu nome.

(Continúa)

Preso ao trapésio da rima
triolet—péga estes zôtes
e dá-lhes de baixo á cima
preso ao trapésio da rima,
na mais artistica esgrima
d'estouros e piparotes,
preso ao trapésio da rima
triolet—péga estes zôtes,

Zat.

Emilio Zola

(NOTAS DE UM AMIGO)

Traducção de A. C.

I

Sua origem

(Continuação)

A 2 de Abril de 1840, ás 11 horas da noite, n'uma cama de lona, encostada á janella, de que fallei, nasceu o author do *Rougon-Macquart*.

Emquanto o pequenino Emilio se afeitava, enquanto nasciam-lhe os primeiros dentes, o pae, mais activo que nunca, trabalhava, em Paris, com dupla coragem, esperando que seo filho, algum dia, se aproveitaria do fructo dos seos esforços.

Francisco Zola querendo, então, triumphar no seo desejo, apoderou-se appressadamente de uma occasião favoravel para fazer conhecimento com Mr. Thiers. A protecção d'este, que immediatamente foi adquirida, tornou-se-lhe muito util no futuro.

Trabalhava-se, n'esse tempo, nas fortificações do ambito de Paris.

O engenheiro inventa uma machina para transportar a terra.

Protegido por Mr. Thiers experimenta sua invenção na porta de Clignancourt, aperfeiçôa-a, fal-a ser acceita. E sua machina funcionou em Mont-rouge, em 1842. No anno seguinte, elle, seguro do apoio de Paris, volta-se para a sua idéa—o canal, e parte para Aix.

Ahi fixa-se com sua mulher e o seo pequenino Emilio.

Tinha, então, Emilio tres annos. Seos paes, em Aix, moravam, a principio, na rua Sainte-Anne; mais tarde, pouco depois, n'um becco sem sahida o Sylvacanne, em uma casa precedentemente habitada pela familia de Mr. Thiers.

Aos dous annos e meio de morada em Aix, Francisco Zola, que não havia podido ainda vencer a opposição de alguns proprietarios ribeirinhos, voltou á Paris a sollicitar «uma ordenação real de utilidade publica».

Continua.

Piparotes

Appareceo "A Vóz do Povo" ou antes "A Nóz do Povo" porque parece que o Imperadôr do Divino quer... dar nózes á quem não tem dentes, como diz o vulgo. Mas nós cá estamos.

Depois das chapas sacramentaes, das pilulas rethoricas e da peroração chata, "A Vóz do Povo" que já sabe (quem ensinou, seu Zêca) que a escravidão é um cancro social, uma nodoa que mancha uma das paginas da nossa historia e outras cousas pifias e lórpamente velhas e tôlas, depois de um estylo quinhentista de Garcia, affirma de uma maneira pavonesca e ridicula a existencia da propriedade escrava, disendo-se, o orgão co-roado, republicano intransigente, mettendo a baila a indemnisação, provando pouco senso, criterio e sentimentos de homem decente e bem intencionado.

O homem nunca foi proprietario de outro homem.

Não temos a culpa que os nossos antepassados commettessem um roubo, um crime perante o direito, abrissem um abysmo de lama a nossos pés; cumpremos, nós, e, unicamente a nós, brasileiros, tabat esse abysmo, enche-lo de auroras de dempção, cobril-o com as irradiacoes da liberdade.

A Indemnisação é um absurdo...

Desde a lei de 28 de Setembro, que os possuidores de escravos, deviam prevenir-se, observar as cousas, pois, era feita que, mais cedo ou mais tarde, com o cumprimento daquella lei, haveria transformação nessa mal encarada propriedade.

A Indemnisação é uma burla.

Indemnizar os senhores?...

E quem indemnizará os miseros escravos da sua eterna noite de treva, das suas agonias, das suas afflicções, das suas lagrimas?!

Vamos, responda o Imperador do Divino, falle o sr. Coutinho republicano, responda o homem do sceptro e do barrete.

**

O Ex-cemiterio da Ordem Terceira de S. Francisco está sendo curral de porcos.

Sim senhor, bem bom.

D'aqui a pouco em vez da imundade... teremos uma... porcalhada...

Sr. Veneravel, olhe isso, porque etal e cousas, não sei se entende, bardo... religioso.

**

Cá temos o *Estudante* mas não catemos.

Temos cá em casa; por ora não ha no jornalinho, que principia, erros que cheguem para a gente catal-os.

Para os emigrantes da Luz, que entram nos pela porta a dentro, vibrando as gargalhadas vivas da mocidade, transbordantes de esperanças alegres, só temos en-rinhos e flores.

E damos tudo isso ao *Estudante* moço e aos moços estudantes que o dirigem.

Trac



A Voz do Povo deixou-nos embalsados com o seu 1º numero!



Republicanos, le Medame adopte a proprie-
dade escripta. Horror!!!



E cristmas de fo-
mar st. mais de 100
m. 6 vez nestas arts, vici

que elle quer a uniao de nossas Provs do Rio Grande



Tambem não será bom admitir
escrição e voz saboga



E não se troque o darrele pela corção, não se
tando: - nos tambem a tyra zencia logo